

**O projeto didático de José Luiz Fiorin para o ensino de leitura e de produção de texto / *José Luiz Fiorin's Didactic Project for the Teaching of Reading and Text Production***

*Arnaldo Cortina\**

**RESUMO**

Em setembro de 2014, um grupo de professores e de pesquisadores reuniu-se para refletir sobre as contribuições que os trabalhos publicados por José Luiz Fiorin trazem para os estudos do discurso, do texto e para os avanços das investigações em semiótica. Este trabalho, com o qual participei do colóquio, procura examinar como o projeto didático estabelecido por esse estudioso das manifestações da linguagem tem uma importância significativa para o ensino de leitura e de produção de textos, ao mesmo tempo em que reflete os avanços realizados pelos semioticistas brasileiros e estrangeiros em relação ao aprimoramento do projeto metodológico realizado por essa teoria que investiga a constituição do sentido do texto.

**PALAVRAS-CHAVE:** Fiorin; Leitura; Obra didática; Redação; Semiótica

**ABSTRACT**

*In September of 2014, a group of professors and researchers met to reflect on the contributions that the works published by José Luiz Fiorin bring to the study of discourse, text and to the progress of research in semiotics. This work, with which I joined in the Colloquium, aims to analyze how the didactic project established by this scholar of language's manifestations is relevant for the teaching and reading of text production. Besides, it also reflects the progress made by Brazilian and foreign semioticians concerning the improvement of the methodological project held by this theory, which investigates the constitution of the meaning of texts.*

**KEYWORDS:** *Fiorin; Reading; Didactic Work; Text Writing; Semiotics*

---

\*Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" – Unesp – Araraquara, São Paulo, Brasil; CNPq Proc. 303373/2013-0, Brasília, Brasil; [cortina@fclar.unesp.br](mailto:cortina@fclar.unesp.br)

## **Fiorin: o professor e o pesquisador**

Neste artigo, o objetivo é focalizar, a partir de duas obras, a importância da produção escrita do professor e linguista José Luiz Fiorin, voltada para o ensino de leitura e de produção textual<sup>1</sup>.

Embora o professor Fiorin tenha publicado diversos livros em que discute distintas questões referentes à linguagem, ao discurso e ao texto, sobre os quais muitos aspectos importantes poderiam ser ressaltados, optei por abordar sua produção voltada para o ensino de leitura e de produção de texto porque, embora alguns pudessem dizer que se trata de uma produção menos acadêmica, em que pretensamente não há aprofundamento das questões teóricas, aplicadas à análise de textos, considero-as importantes por dois motivos principais. Em primeiro lugar, porque é uma forma de divulgar a proposta teórico-metodológica da semiótica para o estudo do texto para além da academia e de relacioná-la com outras teorias; em segundo lugar, porque seus livros didáticos acabam oferecendo ao público estudantil do Ensino Médio e a seus docentes uma possibilidade de abordagem de questões ligadas à leitura e à produção de textos muito diferentes daquelas propostas por tantos outros livros didáticos lançados pelo mercado editorial brasileiro, que apenas repetem abordagens tradicionais, sem incorporarem os avanços nas pesquisas sobre discurso e texto.

Na época em que Fiorin escreveu *Para entender o texto: leitura e redação*, em parceria com Francisco Platão Savioli<sup>2</sup>, eu já era seu orientando de doutorado no programa de pós-graduação em Linguística da FFLCH-USP e, desde sua concepção, o

---

<sup>1</sup> Durante dois dias da primeira quinzena de setembro de 2014 ocorreu o III Colóquio Cearense de Semiótica, em Fortaleza, programado pelo Grupo Semioce, da Universidade Federal do Ceará, cujo semioticista homenageado foi o professor José Luiz Fiorin. Participei das sessões programadas para esses dias na condição de um dos palestrantes.

<sup>2</sup> Francisco Platão Savioli é bacharel em Latim, Linguística e Português, licenciado em Português, Mestre em Linguística e Doutor em Linguística e Filologia Românica - pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP (FFLCH-USP). É professor, autor e supervisor de Português do Sistema Anglo de Ensino (Abril Educação). É autor de: Gramática em 44 lições: compêndio para o 2º grau e primeiros anos do curso superior; Para entender o texto (coautoria com Prof. Dr. José Luiz Fiorin); Lições de texto: leitura e redação (coautoria com Prof. Dr. José Luiz Fiorin); Gramática e texto (coleção didática para as três séries do Ensino Médio do Sistema Anglo de Ensino e Manual do Candidato ao Concurso de Admissão à Carreira de Diplomata (coautoria com Prof. Dr. José Luiz Fiorin). Elaborou um curso de Português em dois semestres intitulado: Língua Portuguesa: revisão de texto I e II – Curso: Editoração – Depto. de Jornalismo e Editoração; Escola de Comunicações e Artes da USP. É assessor da UNESCO, na área de Linguagens e Códigos para elaboração de protótipos curriculares de Ensino Médio: Currículo Integrado para o Ensino Médio: das normas à prática transformadora - organizado por Marilza Regattieri e Jane Margareth Castro – Brasília: UNESCO, 2013.

livro tinha como proposta trabalhar didaticamente a questão do discurso, mantendo a perspectiva de tratamento semiótico da problemática do ensino de leitura e de produção do texto. Do mestrado até a livre-docência, minha preocupação sempre foi trabalhar a leitura. A produção de texto, por sua vez, deve ser entendida como uma consequência do ato de leitura. Não existe uma oposição entre produzir e ler textos. Quando alguém lê, ao realizar uma interpretação decorrente desse ato, produz um novo texto. Nesse sentido, portanto, é que se pode dizer que o ato de leitura é um procedimento intertextual. Essa é uma questão que sempre esteve associada a minhas pesquisas.

Mas, além dessa compreensão sobre leitura e redação, que outros motivos me levam a destacar a produção didática de Fiorin em parceria com Platão? Porque o considero uma pessoa que tem a capacidade muito rara de difundir um conhecimento teórico de maneira que atinja a diferentes públicos. Em consequência de sua reflexão contínua e de seu vasto conhecimento, Fiorin possui uma produção bastante heterogênea.

Em sua obra *Elementos de análise do discurso*<sup>3</sup>, os princípios teóricos básicos da semiótica oriunda dos trabalhos de Algirdas Julien Greimas são ensinados de forma a propiciar ao leitor o entendimento do tratamento do discurso, dizendo de uma forma simples aquilo que nos parece tão complicado, aquilo que lemos na teoria e que imaginamos como seria possível ser dito de uma outra forma que não fosse repetindo os autores que criaram a teoria. É por essa razão também que essa obra é considerada um manual de iniciação aos estudos semióticos discursivos. Fiorin tem essa capacidade, porque simplesmente não reproduz a teoria semiótica, ele a recria. Nesse contexto, portanto, é que elegi tratar aqui da obra didática produzida pelo autor, sem, com isso, deixar de considerar a importância de toda sua produção escrita. Minha tarefa será, então, apresentar um pouco a concepção com que foi produzido *Para entender o texto: leitura e redação* e compará-lo a outro livro produzido pelos autores, intitulado *Lições de texto: leitura e redação*, porque há uma relação muito estreita entre eles.

Cabe ainda fazer nesta introdução uma consideração importante. A obra didática produzida por Fiorin não é de sua autoria exclusiva, porque, como já ficou afirmado acima, os dois livros a que se fará referência aqui foram produzidos em parceria com o professor Francisco Platão Savioli. Como, porém, a pessoa em foco é José Luiz Fiorin,

---

<sup>3</sup> NE. Cf. o artigo Manual de manuais: *Elementos de análise do discurso*, de Jean Cristtus Portela, neste número de *Bakhtiniana*.

porque este texto foi produzido em um evento em sua homenagem, procurarei mostrar como sua produção didática, produzida a quatro mãos, reflete o fazer de sua obra individual, qual seja, difundir a teoria semiótica e refletir sobre ela. Dessa forma, pretendo também justificar o título dado a este texto: “o projeto didático de José Luiz Fiorin para o ensino de leitura e de produção de texto”. Embora os autores dos dois livros em questão sejam Fiorin e Platão ou Platão e Fiorin (a ordem não instaura hierarquias) e embora reconheça que esse projeto didático seja construído pelos dois autores ao mesmo tempo, destaco mais uma vez que, em função da situação de homenagem a um dos autores, meu olhar será dirigido à ação de um deles - Fiorin, como professor, como pesquisador, como intelectual que reflete sobre a questão da significação pelo viés da semiótica e que em suas reflexões sempre se preocupou em ensinar leitura e produção de texto.

### ***Para entender o texto: leitura e redação***

Para começar a falar de sua obra didática, destaco que *Para entender o texto: leitura e redação* foi editado inicialmente em 1990 e reeditado, com uma capa diferente, em 2007, já em sua 17ª edição. Por esse motivo, pode-se dizer que Fiorin e Platão atingiram o patamar dos *best-sellers* dos livros didáticos. Uso o termo *best-sellers*, porque em minha pesquisa de livre-docência trabalhei com os *best-sellers* editados no Brasil desde os anos 1960 até os anos 2010, embora esse tema não tivesse absolutamente nada a ver com os livros didáticos, pois o trabalho foi produzido a partir de outro corpúsculo. A razão de ter chamado atenção aqui para o fato de que, em 2007, o livro chegou a sua 17ª edição significa reconhecer que ele teve uma acolhida muito positiva pelos professores de língua portuguesa do Ensino Médio, que o adotaram. Para verificar, portanto, qual é a proposta dessa obra de Fiorin, em parceria com Francisco Platão Savioli, ao invés de fazer um panorama do conteúdo de todo o livro, destacarei, de *Para entender o texto* o Prefácio, para verificar como o sujeito da enunciação constrói as imagens do enunciador, do enunciatário e, ao mesmo tempo, como apresenta a proposta a partir da qual o livro é concebido. Examinarei também a primeira lição, pois é a que estabelece a noção de texto e, por fim, farei uma comparação entre essa primeira lição do livro *Para entender o texto* e a lição introdutória de sua outra obra

didática, *Lições de texto*, porque ela se constrói a partir da mesma perspectiva embora, entre uma e outra, possamos perceber diferenças de composição.

Examinemos, em primeiro lugar, o Prefácio do livro *Para entender o texto*, (FIORIN; PLATÃO. 1990, p.3-4), que abaixo reproduzimos:

Prezado Professor

Auxiliar o aluno a tornar-se um leitor autônomo e um produtor competente de textos é o compromisso primeiro de nosso ofício.

Todos sabemos, porém, que essa tarefa é difícil. Para contornar essa dificuldade, não têm faltado propostas pedagógicas que, quando não apelam para soluções fáceis, perdem-se em generalidades e conselhos vagos que não fornecem nenhum subsídio para a prática diária do professor e nenhum indicador dos passos que o aluno deve seguir.

Este livro, resultado de estudos e da prática de vários anos em sala de aula, foi escrito para arriscar uma resposta concreta ao desafio de ensinar o aluno a interpretar e a produzir textos.

Ele surge da crença de que, ao menos no âmbito de nossa realidade social, a escola não pode deixar-se levar pela ilusão de que o aprendizado da leitura e da escrita vá resultar de uma competência a ser espontaneamente adquirida ao longo da experiência escolar. Este livro baseia-se antes no pressuposto de que a explicitação dos mecanismos de produção de sentido do texto contribui decisivamente para melhorar o desempenho do aluno na leitura e na escrita.

Os conhecimentos necessários para ler e produzir textos são de três níveis: conhecimento do sistema linguístico; conhecimento do contexto sócio-histórico em que o texto foi construído; conhecimento dos mecanismos de estruturação do significado. Este livro ocupa-se dos dois últimos, já que as gramáticas se ocupam do primeiro. Assim, ele procura explicar como um texto se relaciona com outros (estruturas narrativas, temas, expediente de coesão e de argumentação, recursos expressivos...).

Cada lição procura focar um mecanismo de construção do texto. Todas elas, exceto as quatro últimas, que ilustram o trabalho de leitura de diferentes tipos de texto, constam de quatro partes:

a) exposição teórica de um mecanismo de construção do sentido do texto. Procurou-se, o quanto possível, evitar a terminologia especializada. Quando seu uso se tornou indispensável, tomou-se o cuidado de definir os termos e ilustrá-los;

b) um texto comentado em que se aplica mecanismo estudado na parte teórica. Esse comentário teve sempre a preocupação de explorar a funcionalidade do mecanismo explicitado para fins de compreensão do significado global do texto sob consideração. O comentário sugerido pode ser sempre ampliado pelo professor ou pelos alunos. Como se sabe, nenhuma análise é completa e acabada;

c) um texto, acompanhado de um questionário. Este exercício tem por finalidade levar o aluno, por meio da aplicação dos conceitos apreendidos, a perceber o significado global do texto;

d) uma proposta de redação para estimular o aluno a construir um texto, utilizando o procedimento estudado na lição.

Não ignoramos que a leitura e a produção de texto exigem sensibilidade. Acreditamos, porém, que a sensibilidade não seja um dom inato, mas uma qualidade que se desenvolve. Por outro lado, não basta apenas recomendar ao aluno que leia o texto muitas vezes, é preciso mostrar-lhe para onde dirigir a atenção.

Como todo projeto didático é sempre perfectível, aguardamos as contribuições dos que vierem a adotar este livro.

Os autores

Examinemos como o sujeito da enunciação mostra-se no Prefácio de *Para entender o texto*. De pronto é possível observar que, no texto do Prefácio, o enunciador se manifesta por meio de um endereçamento dirigido ao professor, tal como constatamos na expressão de abertura “prezado professor”. Essa é, portanto, a referência à imagem de seu enunciatário que vai sendo então constituída e com a qual o enunciador mantém um diálogo.

No primeiro parágrafo do Prefácio, o enunciador materializa-se na forma de uma primeira pessoa do plural, um nós, presente na expressão “nosso ofício”, que encerra esse parágrafo. O emprego dessa forma pronominal é decorrente do fato de que a autoria do texto prefacial é dupla, uma vez que o livro é escrito por dois autores, José Luiz Fiorin e Francisco Platão Savioli. E esses dois sujeitos estão materializados na expressão “os autores”, que corresponde à assinatura que encerra o texto. Além disso, nesse primeiro parágrafo, o objetivo geral do livro é apresentado e ele consiste em “auxiliar o aluno a tornar-se um leitor autônomo e um produtor competente de textos”. Portanto, dirigindo-se ao enunciatário professor, o enunciador explicita um fazer que desencadeará a transformação do ser do sujeito a quem esse enunciatário ensina, ou seja, esse enunciador propõe auxiliar o enunciatário a tornar seu aluno competente para ler e para escrever.

Admitindo que a tarefa de tornar alunos bons leitores e produtores de textos proficientes não é fácil, o segundo parágrafo do Prefácio instaura um argumento central para levar seu enunciatário a crer que o livro em questão não advogará uma proposta pedagógica que apela para “soluções fáceis” nem se perde em “generalidades e conselhos vagos”. Nesse sentido, é nesse parágrafo que o enunciador coloca-se em contraposição polêmica com seu outro, isto é, com aquele tipo de livro voltado para o ensino de leitura e de produção de texto que ele não é. E será no terceiro parágrafo que a

explicitação da competência dos autores e de sua obra manifestar-se-á de forma decisiva, quando afirmará que a obra em questão é “resultado de estudos e da prática de vários anos em sala de aula”. Dessa maneira, a proposta para o ensino de leitura e produção de texto decorre do conhecimento científico e da real prática pedagógica, o que significa dizer que ela agrega idealmente a teoria e a prática, configurando-se, portanto, como uma proposta inovadora. Está estabelecido, então, o processo de sedução do discurso do enunciador em relação ao enunciatário professor a que se destina.

Em verdade, antes de dar continuidade ao exame do texto de apresentação do livro de Fiorin e Platão aqui em questão, cabe indagar sobre o caráter inovador da proposta por eles apresentada em *Para entender o texto*, relativamente ao ensino de leitura e produção de texto. Trata-se do fato de que o livro é concebido a partir da perspectiva da semiótica da escola de Paris e que, portanto, não repete simplesmente o mesmo discurso presente na maioria dos livros didáticos com o mesmo propósito que o deles. Todas as lições do livro serão planejadas a partir da base teórico-metodológica da semiótica e é exatamente esse o fato que torna Fiorin um pesquisador e um estudioso da linguagem comprometido em difundir, na prática didática, uma concepção teórica específica, alargando assim seus horizontes, o que contribuirá para a difusão e a transformação, no Brasil, da semiótica originária dos estudos de Greimas e de seu grupo.

No quarto parágrafo da apresentação, portanto, é que o enunciador aponta para sua filiação à semiótica, quando afirma que sua obra está baseada no “pressuposto de que a explicitação dos mecanismos de produção de sentido do texto contribui decisivamente para melhorar o desempenho do aluno na leitura e na escrita”. É exatamente a busca dessa explicitação dos mecanismos de produção do sentido do texto que o enunciador irá perseguir ao longo das diferentes lições do livro. A explicitação da opção pelo viés da semiótica discursiva como suporte teórico-metodológico da obra de Fiorin e Platão está completa, quando, no quinto parágrafo do Prefácio, o enunciador afirma que seu discurso defende que os conhecimentos necessários para ler e produzir textos, além da proficiência em relação ao sistema linguístico, de que a obra não tratará, porque desse tema ocupam-se as gramáticas, correspondem à observação do “contexto

sócio-histórico em que o texto foi construído” e ao exame dos “mecanismos de estruturação do significado”.

No livro *O regime de 1964. Discurso e ideologia*<sup>4</sup>, a visão que Fiorin apresenta é a de que um texto tem sempre uma relação com seu contexto sócio-histórico, determinante na maneira como ele vê o discurso. Mas é importante observar que a relação do texto com seu contexto não deve ser confundida com a contraposição do texto com uma certa história que a ele é agregada. Em verdade o contexto sócio-histórico constitui-se a partir da interdiscursividade e da intertextualidade. É exatamente porque o significado obedece a mecanismos de estruturação que se pode examinar e demonstrar como o discurso que constitui o texto instaura uma relação de repetição de outros discursos ou de oposição a eles.

Assim, após dizer qual é a proposta do livro, de contrapô-lo a um fazer que não é o seu e de, finalmente, marcar sua posição teórico-metodológica para o tratamento da questão da leitura e da produção de texto, o enunciador passa a apresentar a forma como o livro se organiza, isto é, como cada uma das lições é estruturada. Cada lição apresenta um primeiro momento de exposição teórica; em seguida, uma análise de texto que focaliza a questão teórica destacada na primeira parte; posteriormente, uma aplicação do que foi apresentado na parte teórica por meio de um questionário sobre determinado texto; e, por fim, uma proposta de produção de texto que estimule o aluno a, tendo em vista o que foi explicado na primeira parte, observado na segunda e exercitado na terceira, produzir um texto escrito.

No penúltimo parágrafo do Prefácio, o que o enunciador afirma a seu enunciatário professor é que escrever bem, contrariamente ao que muitas vezes é repetido por várias pessoas, não depende unicamente da quantidade de leitura que o aluno faz. Embora a leitura seja importante, a escrita só se aprimora na medida em que o aluno a exercita. Escrever bem é ler, mas também é produzir. O ato de produção continuado é importante porque somente quando o aluno produz o texto percebe como deve se comportar na escrita e como o desempenho dele caminha para defender aquele ponto de vista que adota para a construção de seu texto. O que essas considerações do enunciador apontam é exatamente a confirmação da proposta teórico-metodológica da semiótica para o estudo do texto.

---

<sup>4</sup> NE. Cf. o artigo Entre o semiótico e o ideológico, de Beth Brait, neste número de *Bakhtiniana*.



No último parágrafo, o enunciador interage novamente com seu enunciatário, convidando aqueles que adotarem o livro que se dirijam aos autores para discutir o que consideram necessário ser aprimorado para que os objetivos da obra sejam atingidos com mais eficácia.

Quando observamos o Sumário do livro, que elenca as 44 lições que se seguirão, é possível constatar de forma explícita como os pressupostos teórico-metodológicos da semiótica dão suporte a cada uma das atividades programadas. Para demonstrar essa arquitetura semiótica do livro didático e em que medida ela dialoga com outros postulados teóricos para o estudo do texto, proponho que examinemos, a partir da observação do Sumário, como as lições se organizam. Para tanto, divido-o em três partes. A primeira, abaixo reproduzida, que compreende as lições 1 a 12, corresponde, como se pode constatar por meio do título dado a cada lição, à apresentação do percurso gerativo do sentido, que é um princípio central da teoria semiótica standard.

- Lição 1 – Considerações sobre a noção de texto
- Lição 2 – As relações entre textos
- Lição 3 – O texto e suas relações com a História
- Lição 4 – Níveis de leitura de um texto
- Lição 5 – Estrutura profunda do texto
- Lição 6 – Estrutura narrativa (I)
- Lição 7 – Estrutura narrativa (II)
- Lição 8 – Temas e figuras: a apreensão do tema
- Lição 9 – Temas e figuras: o encadeamento das figuras
- Lição 10 – Temas e figuras: o encadeamento de temas
- Lição 11 – Temas e figuras: a seleção lexical
- Lição 12 – As várias possibilidades de leitura de um texto

Na segunda parte da divisão proposta ao Sumário, também abaixo reproduzida, que compreende as lições 13 a 31, o nível discursivo do percurso gerativo de sentido é mais explorado. Partindo então de uma distinção entre denotação e conotação, na lição 13, o livro propõe, na lição seguinte, o exame da diferença entre metáfora e metonímia. Retomando a terminologia específica da semiótica, que conceitua o tema e a figura enquanto instâncias do discurso, a lição 14 examinará como a combinação dos temas e das figuras irá produzir efeitos de sentido distintos, que propiciam organizações discursivas específicas. Para demonstrar isso, a lição examina quatro procedimentos do discurso, isto é, a antítese, o oximoro, a prosopopeia e a sinestesia. Observa-se que, dessa forma, o livro vai dissociando a noção de “figura de linguagem”, própria das

gramáticas escolares, da noção de “figura” para a teoria semiótica. Essas considerações a respeito da retórica do texto são seguidas pela discussão sobre argumentação, posteriormente pelo exame do conceito de norma linguística e termina com a explicitação dos conceitos de coerência e de coesão, sempre explicados por meio da perspectiva semiótica para o tratamento de cada um desses aspectos do discurso.

- Lição 13 – Denotação e conotação
- Lição 14 – Metáfora e metonímia
- Lição 15 – Modos de combinar figuras e temas
- Lição 16 – Modos de narrar
- Lição 17 – Modos de ordenar o tempo
- Lição 18 – Segmentação do texto (I)
- Lição 19 – Segmentação do texto (II)
- Lição 20 – Argumentação
- Lição 21 – Modos de citação do discurso alheio
- Lição 22 – Dizer uma coisa para significar outra
- Lição 23 – Defeitos de argumentação (I)
- Lição 24 – Defeitos de argumentação (II)
- Lição 25 – Norma linguística e argumentação (I)
- Lição 26 – Norma linguística e argumentação (II)
- Lição 27 – As informações implícitas
- Lição 28 – Viés
- Lição 29 – Coerência
- Lição 30 – Coesão textual (I)
- Lição 31 – Coesão textual (II)

A última parte da divisão proposta para o exame do Sumário da obra, reproduzida a seguir, corresponde, portanto, às lições 32 a 44. Nela é retomada a descrição clássica da tipologia textual, que diferencia a narração, a descrição e a dissertação, em seguida uma distinção entre plano do conteúdo e plano de expressão do texto, a diferença entre o texto literário e o não-literário para, em seguida, abordar a noção de texto não-verbal. Para encerrar o elenco das lições, a partir da quadragésima primeira, são propostos modelos de análise de quatro textos distintos, o poético, o narrativo, o didático e o jornalístico. Portanto, a partir da distinção tipológica entre narração, descrição e dissertação, que dizem respeito a procedimentos de estruturação do discurso, o livro vai se deter no exame de diferentes configurações textuais, quando aborda a distinção entre o texto literário e o não-literário, o verbal e o não-verbal, o resumo e a resenha.

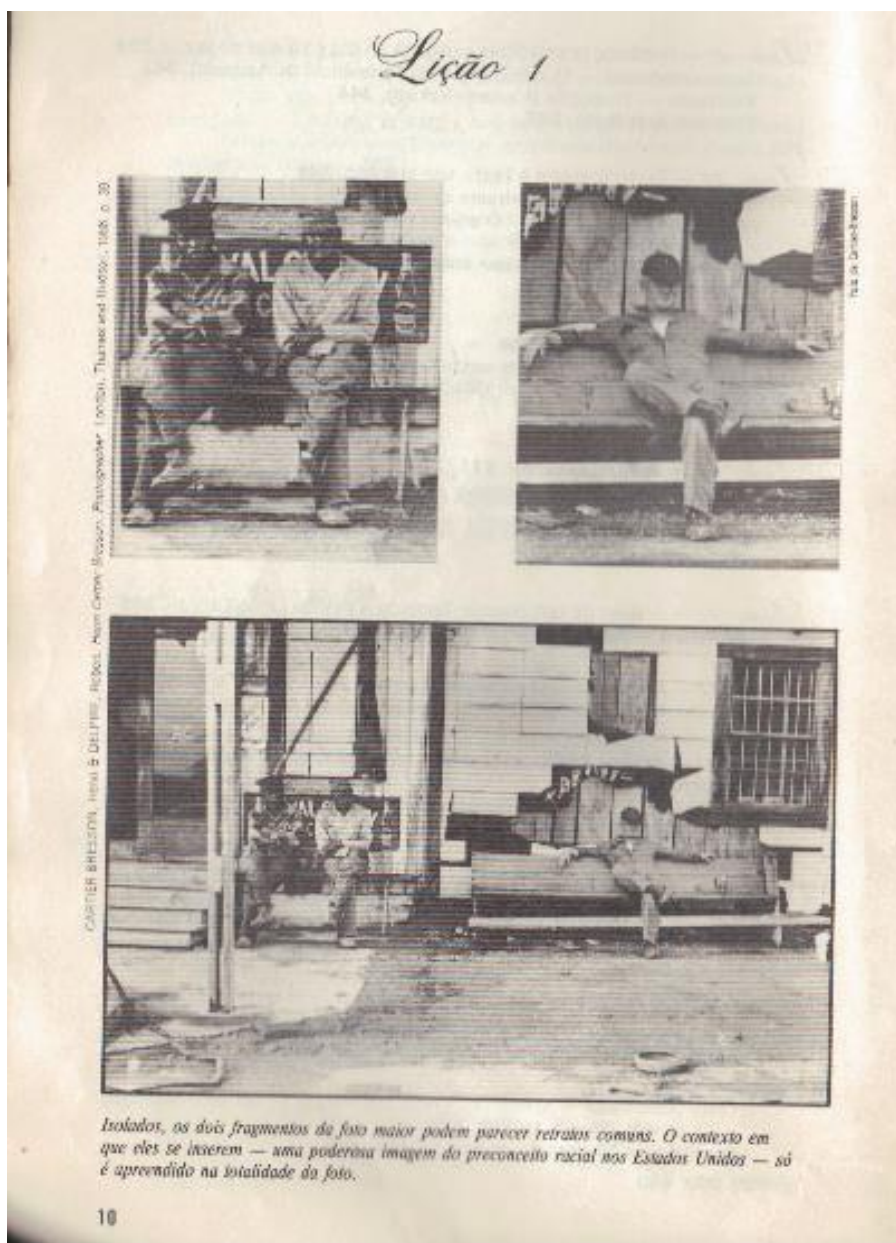
Lição 32 – Narração  
Lição 33 – Descrição e dissertação  
Lição 34 – O discurso dissertativo de caráter científico  
Lição 35 – Progressão discursiva  
Lição 36 – O plano sonoro do texto  
Lição 37 – Recursos gramaticais e disposição das palavras no texto  
Lição 38 – Texto literário e texto não-literário  
Lição 39 – Originalidade  
Lição 40 – Texto não-verbal  
Lição 41 – Análise de um poema: Tecendo a manhã (João Cabral)  
Lição 42 – Análise de uma narração: O corvo e a raposa (La Fontaine)  
Lição 43 – Análise de um texto didático: Domínio de validade (H. Moysés Nussenzveig)  
Lição 44 – Análise de um texto de jornal: Astrônomos e astrólogos mantêm divergência (Folha de S. Paulo)  
Apêndice – Resumo e resenha

O que se pode observar, portanto, por meio do texto do Prefácio e do exame do Sumário, é que o livro organiza-se a partir do ponto de vista do semiótico que trabalha uma determinada noção de texto e agrega à linguagem didática uma proposta específica para o tratamento de determinados conteúdos. O que se quer dizer, portanto, é que o livro, por inserir-se no mercado de obras didáticas, deve propiciar ao aluno a competência de que precisa para produzir textos em língua portuguesa e ler com proficiência, de acordo com as exigências do conteúdo programático do Ensino Médio. A importância, portanto, do trabalho do Fiorin em parceria com Platão, com relação à obra em exame, consiste exatamente em apresentar o conteúdo do Ensino Médio de uma forma inovadora, que se sustenta numa perspectiva teórica que obedece a uma coerência científica, diferentemente do que é feito geralmente por outros livros didáticos.

Para não me deter apenas no exame de aspectos gerais da proposta da obra didática de Fiorin, tal como foi feito até agora quando abordei seu Prefácio e os itens do Sumário, proponho um exame mais específico do tratamento da noção de texto, fundamental para a perspectiva da semiótica, tal como é apresentado na primeira lição do livro.

Inicialmente torna-se importante observar que o livro *Para entender o texto*, embora apresente imagens, é totalmente monocromático, ou seja, todas as ilustrações são reproduzidas em preto e branco. É importante notar que, já na primeira lição, a noção de texto é explorada a partir do visual, da imagem (Fig. 1). Ao abrir, portanto, a página 10, em que se inicia a primeira lição, o leitor depara-se, na parte superior da

folha, do lado esquerdo, com a foto de dois negros sentados em um banco, um ao lado do outro, cuja configuração proxêmica aponta para a constrição. Porque não dispõem de muito espaço para se acomodar no banco, suas pernas e seus braços estão cruzados e a distância entre um e outro, para que não se toquem, é mínima.



**Figura 1** – Fiorin; Platão (1990, p.10)

Mas, ao lado dessa mesma foto, na parte superior direita da mesma página 10, aparece outra foto, a de um homem branco, sentado também em um banco, numa configuração proxêmica que denota a expansão. Seus braços estão totalmente abertos

sob o encosto do banco e sua perna direita dobra-se sobre o joelho da esquerda. Imediatamente abaixo dessas duas fotos, mais uma, em que há a perspectiva de maior afastamento da câmera, por meio da qual se percebe que o que acima havia sido exposto correspondia a dois fragmentos dessa terceira foto, uma vez que então é possível identificar os dois homens negros e o homem branco sentados, cada um num banco distinto, numa paisagem típica do interior dos EUA, em que as categorias de constrição e de expansão anteriormente apontadas ganham sentido na composição global da imagem. Trata-se da materialização do preconceito racial. E isso é marcado pelo texto que aparece imediatamente abaixo dessas imagens: “Isolados, os dois fragmentos da foto maior podem parecer retratos comuns. O contexto em que eles se inserem – uma poderosa imagem do preconceito racial nos Estados Unidos – só é apreendido na totalidade da foto” (FIORIN; PLATÃO, 1990, p.10).

Já existe, portanto, na reprodução do texto visual que abre a primeira lição do livro a defesa do princípio acima apontado de que um texto, para ser interpretado, depende do contexto em que é produzido, isto é, ele não corresponde a um amontoado de partes isoladas entre si, que dispensam os princípios de coesão e de coerência, ao mesmo tempo que o seu dizer reproduz ou refuta outros discursos com o qual estabelece relações. Será a partir, portanto, dessa colocação inicial que a lição tratará da noção de texto, apontando que a natureza do texto só pode ser compreendida se são observadas duas considerações fundamentais, quais sejam, de que ele “não é um aglomerado de frases” e de que “todo texto contém um pronunciamento dentro de um debate de escala mais ampla”.

Para tratar da primeira consideração sobre a noção de texto, isto é, de que ele não corresponde a um aglomerado de frases sem que existam relações lógicas de implicação entre elas, a lição evoca um exemplo que remete à declaração do então secretário de Indústria e Comércio do Estado de São Paulo, o senhor Otávio Ceccato, que, na época, era um dos suspeitos do caso de corrupção que envolveu a proposta de criação de um jogo lotérico chamado “Raspadinha”. Segundo constou em uma reportagem da revista *Veja*, publicada em junho de 1988, o secretário, ao defender sua inocência, reafirmando que nada tinha com o esquema de corrupção, invocou uma frase dita por São Pedro durante a narrativa do Novo Testamento em que ele negou três vezes conhecer Jesus Cristo, antes de ser preso e condenado à crucificação. Disse Ceccato:

“Como São Pedro, nego, nego, nego”. O que o repórter da *Veja* apontou, porém, foi para o fato de que, ao invocar aquela frase para alegar sua inocência, o secretário esquecera-se de que, no contexto no Novo Testamento, ela representou talvez a única mentira que São Pedro pronunciara em toda sua vida. Isso é exatamente o que a lição ressalta, ou seja, que uma frase repetida isoladamente de seu contexto tem seu significado distorcido.

Para defender o segundo argumento, a lição apresenta um texto que narra como o jovem John Hinckley Jr. comprou uma arma numa loja do Texas com a qual atirou no então presidente Ronald Reagan. A referência a esse acontecimento serve para mostrar como, por trás da forma como a história é relatada, existe uma tomada de posição do enunciador com relação ao risco de a legislação norte-americana permitir que se venda arma de fogo a qualquer pessoa indiscriminadamente. É dessa forma, portanto, que se referenda a premissa de que “todo texto contém um pronunciamento dentro de um debate de escala mais ampla”.

Como já foi apontado anteriormente, após fixar as premissas teóricas a partir das quais a palavra texto é utilizada no livro, segue-se a apresentação da interpretação de um texto de Mário de Andrade, posteriormente um questionário que propicia ao aluno compreender um texto de Clarice Lispector e, ao final, uma proposta de produção que sugere uma nova redação para o parágrafo inicial do texto de Clarice apresentado na seção anterior, com o intuito de levar o aluno a redigir a continuidade da narrativa de tal maneira que mantenha coesão com a introdução e coerência temático-figurativa. Essa disposição em quatro etapas será repetida ao longo das 44 lições do livro.

### ***Lições de texto: leitura e redação***

Diferentemente do livro anterior, *Lições de texto*, publicado seis anos após o primeiro, em 1996, é policromático, isto é, todas as imagens reproduzidas em seu interior não se apresentam mais em preto e branco, mas sim sempre coloridas. Esse já é um indício de que o texto visual adquire maior evidência, porque são cada vez mais explorados pelos livros didáticos que se voltam para as questões da comunicação, mas também porque, no próprio seio dos estudos semióticos, o exame dos textos visuais e, conseqüentemente, dos verbo-visuais, ganha maior importância, firmando assim a

proposta de base da semiótica que é a de explicar o processo de constituição do sentido de qualquer tipo de texto, não apenas o escrito como ocorreu no início de suas investigações.

Além do destaque ao cromatismo, uma das categorias constitucionais do plano da expressão do texto plástico, pode-se perceber ainda que, em *Lições de texto*, há uma alteração na configuração do *ethos* da enunciação. O livro não mais se inicia por um “Prefácio”, tal como se pode examinar no item anterior, quando tratei do livro *Para entender o texto*, mas sim por uma “Apresentação”. O texto da Apresentação não é destinado formalmente ao “Prezado professor” como o do outro livro, embora continue sendo assinado por “Os autores”. Esse texto introdutório caracteriza-se pelo maior apagamento da manifestação da voz do enunciador, que, embora continue sendo expresso na forma de um “nós” (Platão e Fiorin), é mais formal, quase reproduzindo o tom do texto científico.

Mantendo o mesmo formato do anterior, isto é, cada lição sendo dividida em quatro partes distintas – discussão teórica; análise de texto com exploração da questão teórica vista na primeira parte; exercícios de interpretação textual, com enfoque para o que foi visto e exemplificado nas duas partes anteriores e, ao final, uma proposta de produção textual –, a Apresentação contrapõe-se à determinada prática de ensino de escrita que se volta exclusivamente para a exploração dos aspectos gramaticais da língua, ao mesmo tempo em que já introduz a perspectiva a partir da qual define o texto, o que será mais bem desenvolvido na primeira lição. Isso pode ser observado no seguinte parágrafo da apresentação, em Fiorin; Platão (1996, p.3):

A responsabilidade pelo ensino da leitura e produção de textos não é exclusiva do professor de Língua Portuguesa, mas é seu compromisso prioritário. E para o sucesso desse projeto não é suficiente prover o aluno de um estoque de conhecimentos gramaticais, nem habilitá-lo a analisar e produzir frases isoladas: é necessário dar um passo além, já que a construção de um texto envolve mecanismos mais complexos do que a mera justaposição de uma frase ao lado de outra. O passo além consiste em descrever os mecanismos de construção textual e capacitar o aluno a operar com eles.

Como se pode perceber no trecho acima, as noções de que o texto não é um amontoado desordenado de frases e de que ele obedece a mecanismos de construção já estão apontadas na introdução, pois é dessa forma que os autores distinguem a

abordagem do livro em questão no que diz respeito à textualidade da de outros livros didáticos.

As 44 lições do livro anterior reduzem-se então a apenas 25. Mas, da mesma forma que as anteriores, essas novas lições podem ser agrupadas em partes distintas. Ao invés de três, proponho uma divisão em cinco partes, de acordo com um princípio que as une. A primeira delas define, inicialmente, o que é texto e, em seguida, discute o princípio de heterogeneidade constitutiva do discurso, por meio da apresentação do conceito de voz e das duas maneiras como ela pode mostrar-se no texto, isto é, por meio da forma marcada e da não marcada.

- Lição 1 – Considerações sobre a noção de texto
- Lição 2 – Vozes presentes no texto
- Lição 3 – Vozes mostradas e demarcadas no texto
- Lição 4 – Vozes mostradas e não demarcadas no texto

A parte dois compreende as lições de 5 a 14 e seu propósito, tal qual a da parte um do livro anterior, consiste em discutir o procedimento de construção da significação por meio do percurso gerativo de sentido proposto pela semiótica. O que se pode perceber na exposição das etapas do percurso é que o nível sêmio-narrativo tem menor proeminência que o discursivo, uma vez que o foco da maior parte das lições incide sobre a materialidade do discurso.

- Lição 5 – Organização fundamental
- Lição 6 – Textos temáticos e textos figurativos
- Lição 7 – O encadeamento de figuras ou de temas
- Lição 8 – Figuratividade e variação linguística
- Lição 9 – As várias possibilidades de leitura de um texto
- Lição 10 – Modos de combinar figuras e temas
- Lição 11 – Alteração do sentido das palavras
- Lição 12 – Presença do narrador no texto
- Lição 13 – Personagens e espaço
- Lição 14 – Tempo

Na terceira parte há a retomada da tipologia clássica das estruturas textuais, que se definem pelos procedimentos narrativo, descritivo e dissertativo, tal como havia sido explorado na última parte do livro anterior.



Lição 15 – Narração  
Lição 16 – Descrição  
Lição 17 – Dissertação

A quarta parte do Sumário introduz um aspecto da constituição do sentido que não havia sido explorado de forma explícita no livro anterior. Trata-se então de examinar as pré-condições do sentido, ou melhor, aquilo que instaura o procedimento argumentativo do texto e que pode assumir as mais diferentes configurações. Partindo das noções de paixão, numa clara incorporação dos princípios teóricos desenvolvidos pela semiótica das paixões, essa quarta sequência de lições discutirá ainda a diferença entre plano de conteúdo e plano de expressão, para mostrar como o segundo plano pode manifestar o primeiro e qual a relação que eles mantêm na determinação do que se caracteriza como texto literário e como texto não-literário.

Lição 18 – Os estados de alma das personagens  
Lição 19 – Argumentação  
Lição 20 – Informações implícitas  
Lição 21 – Dizer uma coisa para significar outra  
Lição 22 – O plano sonoro e a disposição das palavras no texto  
Lição 23 – Texto literário e texto não-literário

As duas últimas lições correspondem à quinta parte das temáticas desenvolvidas pelas diferentes lições elencadas no Sumário. Retomando, de certa forma, a lição inicial que apresentou a noção de texto, as duas últimas enfocam os conceitos de coesão e de coerência textuais, difundidos pela corrente da linguística textual, com o intuito de mostrar seu funcionamento por meio da perspectiva da semiótica discursiva.

Lição 24 – Coesão textual  
Lição 25 – Coerência e progressão textual

O que se constata, assim, por meio do exame dos títulos de cada uma das 25 lições do livro didático lançado em 1996 é que as propostas para o trabalho com leitura e produção textual elaboradas por Fiorin e Platão acompanham os desenvolvimentos das pesquisas produzidas pelos estudiosos em semiótica. Ao mesmo tempo que produzem esse movimento no interior das investigações semióticas, mantêm também diálogo com outras teorias que produzem determinadas explicações ou reflexões a respeito da problemática do texto e do discurso que podem contribuir para aperfeiçoar seu projeto didático para o ensino da leitura e da escrita.

Para encerrar esta apreciação a respeito das obras didáticas escritas por José Luiz Fiorin em parceria com Francisco Platão Savioli, proponho verificar como a primeira lição do livro *Lições de texto*, comparada à primeira lição acima apontada de *Para entender o texto*, reflete o que já foi até agora demonstrado, isto é, que o projeto de ensino referente à leitura e à produção textual dos autores é fruto de um labor do pesquisador e do pensador a respeito da linguagem.

Como foi visto anteriormente, portanto, na primeira lição de Fiorin; Platão (1990), o conceito de texto era estabelecido a partir de duas considerações fundamentais sobre sua natureza, quais sejam, “o texto não é um aglomerado de frases” e “todo texto contém um pronunciamento dentro de um debate de escala mais ampla”. Já em Fiorin; Platão (1996), embora essa primeira lição seja também introduzida pelo recurso visual de comparação entre o detalhe de uma imagem fotográfica com seu todo, como no livro anterior, embora realize essa comparação com uma imagem diferente da anterior, a concepção de texto alarga-se, porque, como já demonstrado acima, quando foram examinadas as temáticas de cada uma de suas lições, a incorporação do conceito de pré-condições do sentido irá alterar a compreensão do que é exatamente o texto. Portanto, na segunda obra, *Lições de texto*, os autores dirão que o texto é definido por três propriedades. Em primeiro lugar, asseguram que ele deve ter coerência de sentido, o que significa dizer que “não é um amontoado de frases, ou seja, nele as frases não estão pura e simplesmente dispostas umas após as outras, mas estão relacionadas entre si” (FIORIN; PLATÃO, 1996, p.14). A segunda propriedade é aquela que aponta para as pré-condições do sentido, uma vez que estabelece que qualquer tipo de texto, o verbal, visual ou o verbo-visual, é sempre “delimitado por dois espaços de não-sentido, dois brancos, um antes de começar o texto e outro depois” (FIORIN; PLATÃO, 1996, p.17). A terceira propriedade do texto é a que afirma que ele é produzido por um sujeito que se insere num determinado tempo e num determinado espaço, o que significa afirmar seu caráter histórico, no “sentido de que revela os ideais e as concepções de um grupo social numa determinada época” (FIORIN; PLATÃO, 1996, p.17).

Dessa forma, portanto, o que se constata por meio do cotejamento entre *Para entender o texto*, de 1990, e *Lições de texto*, de 1996, é que o progresso das pesquisas tanto em relação à proposta teórico-metodológica da semiótica quanto de outras teorias do texto vão determinando o projeto didático pensado por José Luiz Fiorin em parceria

com Platão Savioli no que diz respeito ao tratamento da leitura e da produção textual. Diferentemente de alguns autores de livros didáticos, que repetem continuamente suas lições no decorrer do tempo, produzindo apenas mudanças formais na composição dos livros, o que se pôde aqui examinar nas obras didáticas de Fiorin e Platão é que elas refletem a atitude do pesquisador que está atento para a evolução dos estudos sobre linguagem e que se ocupa com a formação intelectual de seu interlocutor, isto é, com os sujeitos para quem elas se destinam.

Para encerrar aqui este texto que pretendeu mostrar a importância para os estudos de linguagem da obra didática de José Luiz Fiorin, em parceria com Francisco Platão Savioli, que, ao mesmo tempo, contribui para divulgar e refletir sobre os avanços da perspectiva teórico-metodológica da semiótica discursiva, oriunda dos trabalhos de Algirdas Julien Greimas, e dialoga com outras teorias, quer seja incorporando alguns de seus princípios quer seja examinando os problemas por elas focalizados por meio da perspectiva semiótica, não posso deixar de destacar como foi importante para minha formação profissional e pessoal conhecê-lo e poder contar com ele como orientador e como amigo.

A capacidade que Fiorin tem de poder explicar e ensinar decorre da postura de pesquisador, de pensador que reflete sobre seu tempo e que, ao mesmo tempo, não abandona a de professor. Essas características todas são determinantes para a maneira como consegue se comunicar com diferentes públicos em diferentes situações. Por sua vez, o enorme conhecimento que acumula é ainda o motor que o faz estar continuamente refletindo e refazendo seu próprio trabalho. Foi exatamente isso que procurei mostrar aqui quando comparei *Para entender o texto* com *Lições de texto*, em que é possível vislumbrar esse percurso, essa transformação da reflexão contínua que ele realiza sobre o objeto de seu estudo, qual seja, o da linguagem e do texto.

## REFERÊNCIAS

FIORIN, J. L.; SAVIOLI, F. P. *Para entender o texto*. Leitura e redação. São Paulo: Ática, 1990.

FIORIN, J. L.; SAVIOLI, F. P. *Lições de texto*. Leitura e redação. São Paulo: Ática, 1996.

*Recebido em 22/02/2015*

*Aprovado em 05/09/2015*